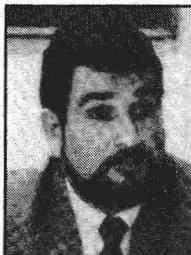


tribuna da

CIDADE

POR CLÁUDIO MONTEIRO



Deputado distrital pelo PDT

10 NOV 1991

Liberdade para grades

A concepção urbanística de Lúcio Costa para o Distrito Federal, com um Plano Piloto intocável a partir das suas diretrizes estabelecidas ao tempo da inauguração de Brasília, não previa, como hoje se verifica, a densidade demográfica tão distante dos 500 mil habitantes pretendidos até o ano 2.000.

O Distrito Federal é hoje uma metrópole com 1,8 milhões de habitantes, sofre os mesmos problemas das grandes cidades nas áreas de saúde, segurança, educação e transporte, com o agravante da responsabilidade em manter o Plano Piloto como território nobre que hospeda os três poderes da Nação.

Tem custado muito ao DF impedir que os respingos das feridas sociais abertas pela crise que vive o País atinjam esta mais moderna capital do mundo, patrimônio cultural da humanidade. Mas o turbilhão da progressiva desagregação da economia brasileira tem desaguado migrantes, pobres, doentes, e carentes de toda a espécie na fantasia imaginária em que se cristalizou aos olhos dos brasileiros de todas as regiões, a Capital da República. Só mesmo na fantasia daqueles que estão longe, os que aqui chegam logo encontram a realidade desnuda de uma cidade grande cheia de problemas sem nada a oferecer de diferente. Como o DF já quase nada mais pode dar, os sonhos afundam e o desespero de centenas de pais de família com um número cada vez maior de adolescentes e jovens para os quais o futuro indica apenas fome e desesperança aos filhos e irmãos, são empurrados para a marginalidade na escala progressiva do crime.

Como não há nos conceitos de segurança pública em lugar nenhum do mundo sistema preventivo ou repressor capaz de inibir ou estancar a violência motivada pela miséria e total falta de perspectiva de vida digna para milhares de deserdados sociais, como é o caso do Distrito Federal, é necessário que pelo menos se permita aos cidadãos que com todo esforço ainda conseguem manter suas atividades produtivas e a dignidade de suas famílias preservada, tomar providências mínimas para a segurança de suas residências.

É em função desta realidade que ameaçadoramente nos cerca que devemos nos render e admitir que os habitantes do Plano Piloto e de todas as cidades-satélites querem suas casas e criem seus mecanismos de segurança domésticos. O mínimo que se pode admitir é a construção de grades nas suas casas.

Além do direito à segurança familiar, medida desta natureza tiraria a responsabilidade do governo à conservação e limpeza das áreas verdes frontais e laterais às residências. Com todo o respeito à concepção urbanística original de Lúcio Costa, a cidade sonho, aberta, generosa já não existe mais. Há violência de toda ordem nas nossas alamedas e ruas e é preciso adaptarmos a paisagem de sonhos à realidade da cidade grande não planejada.